



O jornalismo sensacionalista na imprensa sul-rio-grandense: Uma proposta de codificação de gênero¹

Fábio Rausch²/Mestre em Comunicação Social/Pontifícia Universidade Católica do RS

Resumo

Este trabalho resulta da dissertação de mestrado do pesquisador (RAUSCH, 2011), defendida em março de 2011, e tenciona propor formas de codificação do gênero jornalismo sensacionalista. Orientado pela análise do discurso das mídias, de Patrick Charaudeau, e por revisão bibliográfica, entre autores brasileiros que se dedicaram à temática do sensacionalismo, este artigo traz um quadro codificador, com 19 verbetes e as correspondentes significações semânticas. Apresentam-se, ainda, quatro categorias, para verificar, de forma alegórica, níveis de *sensacionalização*, em narrativas sensacionais. Para esta oportunidade, destaca-se o Caso Daudt, crime impactante da história política sul-rio-grandense. Na dissertação, também foram trabalhados os casos Kliemann e Eliseu, totalizando 12 matérias de seis periódicos gaúchos.

Palavras-chave

Gêneros jornalísticos; jornalismo sensacionalista; imprensa gaúcha; Caso Daudt.

Introdução

As obras de referência, sobre o *jornalismo sensacionalista*, vêm se detendo em problematizar o sensacionalismo, com a finalidade de comprovar a tendência de a imprensa *sensacionalizar* os fatos do cotidiano. Este artigo, contudo, busca avançar na sistematização de formas de codificação do gênero em questão.

Fala-se em gênero, sobretudo, porque, ao adquirir notoriedade pela costumeira utilização, na imprensa, ele vem ganhando autonomia, a ponto de, no entendimento deste trabalho, ser compatível com a chamada *notícia sensacional*.

Sob a ótica do *fait divers*, notícias de crimes envolvendo pessoas conhecidas, serão aplicadas categorias codificadoras do gênero *sensacionalista* (*notícia sensacional*), para verificar a presença, ou não, desse caráter genérico, nos relatos alvos de análise, que servirão de forma alegórica.

Defende-se, portanto, maior cuidado a taxar este ou aquele jornal, esta ou aquela notícia, como sensacionalista. Entende-se haver uma só possibilidade, nesse sentido: examinar níveis de *sensacionalização*, por meio de análises discursivas, sobre os recursos narrativos, empregados na construção das matérias da imprensa.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, no XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na Unicap, em Recife, de 2 a 6 de setembro de 2011. Este artigo origina-se de dissertação de mestrado, defendida no último dia 29 de março de 2011, junto ao PPGCOM da PUCRS, e aprovada com louvor, pelos professores Dr. Jacques Wainberg (orientador), Dr. Antonio Hohlfeldt e Dra. Silvana Silveira. Coloca-se este texto à disposição, para concorrer ao prêmio Francisco Morel.

² Fábio Rausch é jornalista e mestre em Comunicação Social pela PUCRS. A titulação de mestrado foi obtida em março de 2011, contando com bolsa parcial da CAPES, nos dois anos de desenvolvimento do projeto. O profissional atua como jornalista concursado, na Câmara Municipal de Caxias do Sul.



Natureza dos gêneros jornalísticos

José Marques de Melo (2003, p. 41) reconhece que “o maior desafio do jornalismo como campo do conhecimento é, sem dúvida, a configuração da sua identidade enquanto objeto científico”. Historicamente, vem se dividindo entre duas categorias básicas: *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo*, pela observação pioneira do inglês Samuel Buckley, então editor do *Daily Courant*. No início do século XVIII, ele distinguiu *news* de *comments*.

Para Luiz Beltrão (2006), a informação consiste em relato de fato, ideia ou situação. “Notícia é a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrerem, em qualquer campo da atividade, e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (p. 82), por meio dos atributos: *imediatismo*, *veracidade*, *universalismo*, *interesse* e *importância*.

Essa cultura profissional privilegia um saber instintivo e, não, reflexivo (TRAQUINA, 2005a), capaz de proporcionar ao jornalista a capacidade de distinguir entre o que merece, ou não, receber tratamento jornalístico.

A objetividade jornalística, redação impessoal, na terceira pessoa do singular, sugere que a produção noticiosa é mais uma “construção da realidade” (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 15; TRAQUINA, 2005, 2005a) do que o seu reflexo em si.

Quanto ao sensacionalismo, Adelmo Genro Filho (1989, ps. 197, 198) o atribui ao que chama de *singularização* extrema dos fatos. Diz que esse teor extremado provoca distorção do concreto, pelo papel destacado conferido à sensação. “Os jornais sensacionalistas geralmente produzem um discurso de reforço dos valores, como meio para excitar não apenas as sensações como também os preconceitos morais do público”.

***Fait divers*, componente para as coberturas sensacionalistas**

O *fait divers*, notícia que causa impacto ao leitor, como crimes envolvendo pessoas conhecidas (ERBOLATO, 2008), apresenta caráter quente e circunstancial (MAFFESOLI, 1988). Relatos assim abastecem a imprensa sensacionalista com ingredientes insólitos e extravagantes, para a manchete de capa.

Para Roland Barthes (1982), ao contrário da notícia, estrito senso, que remete a outros discursos e realidades, o *fait divers* possui estrutura fechada, cujas chaves para compreendê-lo estão nele mesmo, entendido como informação total ou imanente.

Barthes (1982) aponta as causas *perturbada* e *esperada* para o *fait divers* de *causalidade*. A *causa perturbada* aborda o desconhecimento causal e a possibilidade de



pequeno fato produzir grande efeito. Refere que, na *causa esperada*, a causalidade é normal. Embora a sua ênfase não esteja na relação de espanto, que constitui a estrutura narrativa, trata-se do que ele denomina *dramatis personae* (criança, velho, mãe, etc.), “espécies de essências emocionais encarregadas de vivificar o estereótipo” (p. 60).

Ele ainda enumera o segundo tipo de relação que pode articular a estrutura do *fait divers*. Trata-se da *coincidência*, quando repetir consiste em significar algo, já que, em situações assim, quebra-se a lógica de que o acaso deveria variar os acontecimentos, como a joalheria que é assaltada três vezes (BARTHES, 1982).

Aspectos das matérias sensacionais

O crime, natureza do tópico a ser analisado neste trabalho, acompanha a rotina dos povos desde os períodos mais remotos. A **Bíblia Sagrada** registra, em tom alegórico, o primeiro homicídio da história da humanidade. Foi quando Caim matou Abel, seu irmão, sendo ambos filhos de Adão e Eva, supostamente, os primeiros habitantes humanos da Terra. Desde então, os crimes vêm provocando curiosidade. É do romance policial que sairão inspirações dos primeiros redatores de reportagens policiais.

Ernest Mandel (1988) conta que o moderno romance policial deriva da literatura popular, sobre os “bons bandidos” (p. 17), casos de Robin Hood e Til Eulenspiegel. Logo, as pessoas leem textos do gênero para se distraírem, não para melhorarem o intelecto. O advento da fotografia, em meados do século XIX, contribuiu para a afirmação desse modelo de romance (MANDEL, 1988), em cenas e enredos das tramas.

De acordo com Mandel (1988), a expressão *romance policial* (*detective story*) foi utilizada, pela primeira vez, pela romancista americana Anna Katharina Greene, em 1878, no livro **The Leavenworth case**. Mas, se popularizou, como gênero, a partir de Arthur Conan Doyle, o criador do personagem detetive Sherlock Holmes.

É Monique Augras (1970) quem indica ter sido Walter Lippmann (1922) o responsável por introduzir a palavra *estereótipo*, para estudar o comportamento da opinião pública, fomentada na mídia. Trata-se de molde de metal, por meio do qual é possível que se reproduzam inúmeros exemplares. “Via de regra, o estereótipo reduz-se a uma palavra: Negro, Judeu, Capitalista, Comunista, etc. (...)” (AUGRAS, 1970, p. 35).

Os rótulos se tornaram mecanismos recorrentes nas matérias jornalísticas, para se fixarem *clichês*³. Basta a menção de nome ou situação para que o leitor, rapidamente, compreenda do que se está falando. Exemplos: bandido; criminoso; a terminologia *gate*,

³ Neste caso, o termo *cliché* é entendido como marca, no seu sentido genérico.



para casos de crise política, em alusão ao Watergate, que culminou na única renúncia de presidente da república, nos Estados Unidos, a de Richard Nixon, nos anos 1970. Depois, o sufixo reapareceria: *Irãgate* (anos 1980), *Lulagate* (anos 2000), etc.

De forma pioneira (WAINBERG, 2008), após estudo⁴ sobre a cobertura do jornal *The New York Times* à Revolução Russa, de outubro de 1917, por meio do qual constataria manipulação tendenciosa de fatos, o jornalista Walter Lippmann aponta inclinação de os jornalistas generalizarem sobre outras pessoas, a partir de ideias fixas. Para Lippmann⁵ (2008), as tradições culturais fazem com que, na maior parte dos casos, o cidadão, primeiro, defina aquilo que verá em seguida, e, não, o contrário.

Apontamentos sobre a trajetória do sensacionalismo na imprensa

Nos séculos XV e XVI, na Europa, a igreja, a taverna e a praça do mercado eram os palcos onde menestréis, verdadeiros contadores de histórias ou cantores de baladas, disputavam a atenção pública com relatos ou cantigas sensacionalistas (GONTIJO, 2004). Nesse período, brochuras informativas, os *occasionnels*, continham *fait divers*.

Entre 1560 e 1631, os jornais franceses *Gazette de France* e *Nouvelles Ordinaires* já traziam *fait divers* e notícias sensacionais. Subsequentes aos *occasionnels*, surgem os *canards*, “relatos de acontecimentos singulares ou prodigiosos que se poderia crer tirados da imaginação do autor, o *canardier*” (HOHLFELDT, 2003, p. 245).

É no final do século XIX que dois jornais norte-americanos darão o acabamento final para o estilo sensacionalista conhecido atualmente, originando o termo “imprensa amarela” (ANGRIMANI, 1995, p. 21). O *New York World*, editado por Joseph Pulitzer, aos domingos, publicava história em quadrinhos chamada *Hogan's Alley*, cujo personagem principal era um menino de feições engraçadas, e que vestia camisola amarela, chamado *Yellow Kid*. O modelo foi copiado por William Randolph Hearst, diretor do *Morning Journal*, ao contratar do concorrente Outcault, autor dos quadrinhos.

Márcia Franz Amaral (2006) conta que, no Brasil, desde 1840, eram observados os primeiros elementos de sensacionalismo na imprensa, por meio dos chamados *folhetins*. No país, *imprensa marrom* designa jornais e revistas de escândalos.

Segundo ela, boa parte da sistematização da história do sensacionalismo, na imprensa brasileira, iniciou-se nas palestras da Semana de Estudos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 1969. Os palestrantes

⁴ “*A test of the news*”, de Walter Lippmann e Charles Merz, foi publicado, primeiramente, em agosto de 1920.

⁵ A obra utilizada resulta de tradução do livro original, realizada, recentemente, por Jacques A. Wainberg.



reafirmaram tese corrente, a de que todo o processo comunicativo seria sensacionalista em si, ao mexer com sensações físicas e psíquicas e apelar a emoções primitivas.

Naquela ocasião, o jornalista Alberto Dines afirmou que em toda a imprensa ocorreria o sensacionalismo. Para ele, o próprio *lead*⁶ seria recurso nesse sentido, servindo para enfatizar os elementos mais palpantes, com o intuito de seduzir o leitor.

Sobre aqueles seminários, Amaral (2006) acrescenta que, à época, Dines dividiu o sensacionalismo em três grupos: o *sensacionalismo gráfico*; o *sensacionalismo linguístico*; e o *sensacionalismo temático*.

Ciro Marcondes Filho (1986) pontua o trinômio *escândalo-sexo-sangue* que, para ele, aponta para os três níveis de maior enfoque do jornal sensacionalista, “sendo a moral, o tabu e a repressão sexual e, por fim, a liberação de tendências sádicas do leitor o fundo sócio-psicológico desse tipo de jornalismo” (p. 91).

Danilo Angrimani (1995), no entanto, é cauteloso, quanto à abrangência habitual do termo *sensacionalista* que, geralmente, indica veículo que não tenha correspondido às expectativas do público. Considera que essa generalização chega a gerar confusão entre qualificativos editoriais, como audácia, imprecisão, distorção.

Proposta de codificação de gênero

Os *modos discursivos* estabelecidos por Patrick Charaudeau (2006) correspondem à especificidade das instruções dadas por cada situação de comunicação midiática. Nas matérias jornalísticas, tal intento se mostra adequado à instância do *acontecimento relatado*. Charaudeau (2006) explica que a construção do acontecimento se dá pela implicação de fatos e ações dos atores envolvidos.

Do ponto de vista operacional, utilizar-se-á o modo discursivo do *relato*. Sendo as matérias jornalísticas constituídas de relatos, ou seja, narrações, é o *discurso relatado* que receberá atenção. Para capturar o propósito dos objetos de estudo, caracterizados como a instância midiática referida por Charaudeau (2006), lançar-se-á mão de categorias teóricas compatíveis com o *contar* (o *narrativo*).

Um quadro preliminar foi formulado. Para cada conceito, existe a correspondente significação semântica. Quanto à semântica, diz Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2010, p. 691): “Estudo das mudanças ou trasladações sofridas, no tempo e no espaço, pela significação das palavras”. Ou, ainda: “Estudo da evolução do

⁶ Recurso derivado do jornalismo norte-americano, para dispor as notícias em formato de pirâmide invertida, por meio do qual as informações obedecem a critério de ordem decrescente de importância. No parágrafo inicial, a notícia responde: *who* (quem); *what* (quê); *when* (quando); *where* (onde); *why* (por quê); e *how* (como).



sentido das palavras através do tempo e do espaço; (...) a que estuda a relação entre as palavras e as coisas, ou seja, entre a linguagem, o pensamento e a conduta” (DICIONÁRIO ONLINE, s/d).

Eis, o quadro de referência prévia:

Quadro Codificador do Gênero Jornalismo Sensacionalista		
Referências	Propriedades⁷	Conceitos operacionais
1) AMARAL, Márcia Franz	1- a) Sensação (1º)	I) Surpresa, ou grande impressão; II) Grande impressão ou surpresa devida a sucesso extraordinário.
	1- b) Emoção (2º)	I) Perturbação do espírito provocada por situações diversas e que se manifesta como alegria, tristeza, raiva, etc.; comoção; II) Comoção, abalo (sentido físico ou moral).
	1- c) Exagero (3º)	I) Derivado de exagerar, significa dar ou atribuir a (coisa ou fato) proporções maiores que as reais; II) Apresentar ou descrever fatos ou coisas maiores ou menores do que são realmente.
	1- d) Sensacionalista (4º)	I) Em que há sensacionalismo ou escândalo; espetacular: <i>Notícia sensacionalista</i> .
	1- e) Sensacionalismo (5º)	I) Divulgação e exploração de matéria capaz de emocionar, impressionar, indignar, ou escandalizar; II) Tendência a divulgar notícias exageradas ou que causem sensação.
2) ANGRIMANI, Danilo	2- a) Sensacional (6º)	I) Que produz sensação intensa; II) Capaz de produzir grande sensação.
	2- b) Pejorativo (7º)	I) Diz-se de vocábulo de sentido torpe, obscuro ou desagradável; II) Diz-se da palavra empregada em sentido torpe, obscuro ou, simplesmente, desagradável,

⁷ Na medida em que este quadro assume o caráter de organizar o mosaico teórico proposto, a fim de que se estabeleça uma codificação para o jornalismo sensacionalista, conceitos de determinado autor que retomem o que já tenha sido apontado pela referência que o antecedeu não serão repetidos, na subsequência do quadro. Hierarquicamente, as referências estão organizadas em ordem alfabética, de cima para baixo, cujo critério segue o sobrenome do teórico.



		depreciativo.
	2) c) Imprecisão (8º)	I) Falta de precisão, de rigor; II) Falta de precisão, de exatidão.
	2) d) Distorção (9º)	I) Mudar o sentido, a intenção; II) Deformação, deturpação.
3) AUGRAS, Monique	3- a) Estereótipo (10º)	I) Reduzir as qualidades de determinado objeto a uma só, englobando diferentes indivíduos num só conceito; II) Imagem mental padronizada, tida coletivamente por um grupo, refletindo uma opinião demasiadamente simplificada, atitude afetiva ou juízo incriterioso a respeito de uma situação, acontecimento, pessoa, raça, classe ou grupo social.
4) BARBOSA, Marialva	4- a) Morte (11º)	I) Cessação da vida; II) Termo da existência.
5) GENRO FILHO, Adelmo	5- a) Preconceito (12º)	I) Ideia preconcebida, suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc.; II) Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados.
6) MARCONDES FILHO, Ciro	6- a) Escândalo (13º)	I) Indignação provocada por mau exemplo, tumulto, escarcéu, fato imoral, revoltante; II) Irritação, indignação, perplexidade ou sensação provocadas por uma violação flagrante do decoro ou da moralidade.
	6- b) Tabu (14º)	I) Restrição costumeira ou tradicional a certos comportamentos que, se praticados, recebem forte reprovação moral e social; II) Qualquer coisa que se proíbe supersticiosamente, por ignorância ou hipocrisia.
	6- c) Sádico (15º)	I) Relativo ao prazer com o sofrimento alheio; II) Que tem prazer no sofrimento alheio.
	6- d) Calúnia (16º)	I) Ato de procurar incriminar alguém, fazendo-lhe acusações falsas; II) Imputação falsa, que ofenda



		a reputação, crédito ou honra de alguém.
	6- e) Ridículo (17º)	I) Que provoca riso ou escárnio; II) Ato, discurso ou palavras com que se ridiculariza alguém.
7) MATHEUS, Leticia Cantarella	7- a) Crime (18º)	I) Violação da lei penal, delito; II) Violação das regras que a sociedade considera indispensáveis à sua existência.
8) PEDROSO, Rosa Nívea	8- a) Trágico (19º)	I) Funesto, sinistro; II) Calamitoso, desgraçado, funesto, triste, catastrófico, sinistro.

A partir do cotejo entre os mais diversos conceitos propostos pela revisão bibliográfica deste artigo, chegou-se a uma síntese conceitual de 19 verbetes. Tais elementos estão presentes no chamado gênero *jornalismo sensacionalista*. Para melhor codificar essa modalidade jornalística, em tom ilustrativo, foram organizadas quatro categorias. Elas visam a fundamentar o *modo discursivo do relato jornalístico*.

Dessa forma, dispõem-se as categorias propostas, com os respectivos verbetes:

- a) *Estrutura: distorção; imprecisão; pejorativo;*
- b) *Características: sensacional; sensacionalismo; sensacionalista;*
- c) *Temática: crime; escândalo; morte; tabu;*
- d) *Elementos: calúnia; emoção; estereótipo; exagero; preconceito; ridículo; sádico; sensação; trágico.*

Caso Daudt

Crime insolúvel na história política do Rio Grande do Sul, o Caso Daudt remonta à noite de 4 de junho de 1988, um sábado, quando o deputado estadual, pelo PMDB, José Antônio Daudt foi assassinado, no momento em que cruzava o portão de entrada do edifício onde residia, no bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Alvejado no peito, ele ainda seria encaminhado ao Pronto Socorro. Conforme a edição de *Zero Hora* da segunda-feira subsequente ao crime, o parlamentar morreu à 0h40 da madrugada de domingo.

Desde as 20h30 daquela noite, um carro cinza, modelo Monza, estava estacionado à Rua Quintino Bocaiúva, quase esquina com a Rua Marquês do Herval. Um homem de barba grisalha e rala, sem bigode, de jaqueta de couro preta e calças brancas, situava-se no interior daquele veículo. Ficaria fumando até as 22h15, quando



Daudt passaria com o seu Monza, em direção ao estacionamento do posto que distava 20 metros da sua residência.

Em **Dexheimer: 800 noites de junho**, David Coimbra (1993) tenta derrubar a tese de que Antônio Dexheimer, também deputado peemedebista da Assembleia Legislativa, seria o autor da morte de Daudt. Pondera que, nos 70 minutos antecedentes ao homicídio, ele teria estado passeando de carro, com uma suposta amante. “Seus últimos minutos de ardor foram aplacados na noite gelada e dramática” (ps. 12-13).

É no velório daquele correligionário que Dexheimer fica sabendo já estar elencado como o suspeito número um da tragédia, por denúncia de Vera Mincarone, sua ex-mulher e irmã do então deputado federal pelo PMDB, Paulo Mincarone.

O motivo seria ciúmes devido à proximidade dela com Daudt. Dexheimer também tinha um Monza, modelo popular da época. Supostamente, ela teria se mostrado interessada pelo parlamentar morto, mas, de confirmado, o que havia entre ambos seria amizade. Decorrido o fato, vem à tona a homossexualidade de Daudt.

A vítima chegou a inventar suposto filho. Era o manequim Toni Russo, a quem conhecera ao se exercitar, aos sábados, no Parcão, situado no bairro onde morava.

A questão do homossexualismo, sobretudo, consistirá no tabu íngreme desse caso. Precisa ficar claro que Daudt encarnava o estereótipo do gaúcho macho, irritadiço e inconformado com os problemas que assolavam a Segurança Pública do estado. Tanto era assim, que não poupava das críticas, sequer, o então governador Pedro Simon, também do seu partido e responsável pela inserção de Daudt na política.

Com passagens por veículos de comunicação de Porto Alegre, ficou emblemático o tal soco na mesa, quando o também radialista registrava o ápice de inconformismo com falcatruas estatais e privadas, durante comentários no programa *Portovisão*, da antiga TV Difusora. Ele também atuou na Rádio Gaúcha.

Cerca de dois anos preenchem o hiato entre o dia do crime e o julgamento final de Dexheimer, iniciado em 20 de agosto de 1990, se estendendo até as 2h15 da madrugada de 23 de agosto daquele ano, uma quinta-feira. O Pleno do Tribunal de Justiça o absolve por 14 votos a sete. O advogado de defesa, o famoso e falecido criminalista Oswaldo de Lia Pires, alcança a maior consagração profissional.

Antes disso, o réu ainda amargaria episódios desconfortáveis. Um deles deu-se no julgamento de 19 de maio de 1989. A surda-muda Lindóia Gonçalves aponta-lhe o dedo e indica ser ele o matador de Daudt, que houvera visto no dia do crime, já que



residia no edifício ao lado daquele onde morava o ex-parlamentar. Três intérpretes intermediaram o depoimento de Lindóia.

Argutamente, Lia Pires encontrou contradições no depoimento da testemunha. Então, valeu-se de programa de computação gráfica, o mesmo utilizado pela televisão, como recurso de tira-teima. O mecanismo ficaria famoso por apontar erros irrefutáveis de arbitragem, em jogos de futebol.

Áudio de transmissão radiofônica, acessado junto ao Arquivo Sonoro da Rádio Guaíba, reproduz trechos da peça de defesa de Lia Pires. Com imagens tridimensionais, o advogado tentou provar que, a partir do ponto de onde Lindóia garantia ter visto saírem os tiros, Daudt, em hipótese alguma, haveria de ser atingido pela segunda bala, na altura do peito, tampouco, a primeira teria acertado a fechadura. Mas, com efeito, pelo campo de visão da surda-muda, a segunda bala teria pego o crânio do deputado.

Na parte final de sua explanação, o advogado critica o inquérito policial, presidido pelo delegado Ben Hur Marchiori. Para Lia Pires, as suposições do documento não deixariam dúvida quanto à falta de sustentação, para as possíveis provas de acusação a Dexheimer: “Diz o delegado Ben Hur, depondo: ‘(...) parece que o deputado já não estava no local, quando o Azevedo, covardemente, chamou a polícia’. (...) Não é não estava. Parece. (...). A hora do crime (...): ‘a nosso juízo, foi às 22h18 (...)’”.

O criminalista comenta que, a partir das 22h, o deputado Dexheimer encontrava-se sentado, à frente de uma lareira, conversando com o casal Marcos e Maria Alice Arcoverde. De acordo com Lia Pires, Marcos Arcoverde declarou, em juízo, ter visto o relógio marcar 22h, ao perceber o momento em que o deputado chegava em casa. “Isso é prova. Isto não é parece, eu penso, eu imagino, nem eu não vi. (...) Não há prova de que esse homem tenha sido o autor”.

RS — O Jornal do Jockymann: “O que a polícia não diz” (12 de junho de 1988)

Verdadeiros teoremas, divididos em intertítulos, sustentam teses, as mais diversas, sobre o desenrolar das investigações acerca do assassinato de Daudt. A riqueza de informações permite presumir que, eventualmente, o recém-falecido jornalista Sérgio Jockymann até pudesse ter conseguido acesso a dados privilegiados ou que, ao contrário dos veículos de imprensa tradicionais, optasse por não ocultar as entrelinhas dos fatos que observava e que, sem o afã das edições diárias da maior parte dos jornais, pois dirigia um semanário, conseguisse reproduzi-los em formato de análises prolongadas.

O maior problema é que este texto se apresenta como informativo. Seria mais apropriado, contudo, que Jockymann assinasse uma coluna, por meio da qual poderia externar as suas opiniões. Apresentadas como resultantes de pesquisa, as informações não evidenciam correspondência com as devidas fontes. O uso de suposições é o que prevalece sobre o necessário embasamento técnico que norteia a prática jornalística.

A primeira seção do enredo termina em tom trágico. Sem dúvida, trata-se de um texto verdadeiramente sensacional:

O primeiro impacto errou o alvo e atingiu a fechadura. Daudt tentou se proteger com as mãos, mas, antes que tivesse tempo de consumir seu gesto, foi ferido mortalmente pelo segundo disparo.

— Socorro, gritou, me ajudem, sou o Daudt!

(...). Daudt ainda tentou dar um passo e, logo, em seguida, caiu ao chão. Cinco segundos depois, chegavam os dois brigadianos que faziam a ronda na Marquês do Herval e corriam em seu socorro, mas já não havia mais nada o que fazer. Entrando no táxi, Daudt murmurou:

— Olha, amigão, o que fizeram comigo.

Fechou os olhos e pendeu a cabeça. Ainda antes de Daudt chegar ao Pronto Socorro, todas as contradições de sua vida começam a enredar os fios de sua trama, criando o Mistério do Ano.

A matéria formula o que poderia ser o estereótipo de Daudt: personagem controverso, pois, mesmo sendo homossexual, sofria constante assédio de belas mulheres, o que incluía Vera Mincarone, esposa do seu colega de bancada, Antônio Dexheimer. Ela chegaria a se separar do marido. É ressaltado que Daudt costumava resistir a tais insistências femininas:

Segundo seus amigos, com várias delas, ele obedecia aos rituais costumeiros da corte masculina sem jamais, no entanto, chegar às últimas consequências. No momento em que a amizade ameaçava se transformar em afeto, Daudt recuava, desfazia os laços afetivos e se afastava. Nem por isso se livrava do assédio feminino, que se tornou ainda maior depois de sua eleição. Mas, já bem antes dela, o próprio Daudt se mostrava preocupado com os boatos que circulavam na cidade a respeito de seu comportamento sexual.

Esse controvertimento, apontado pela narrativa, ganharia mais força a partir do suposto filho que morava em São Paulo. Segundo o texto, Daudt aceitou-o, mesmo que não fosse seu filho legítimo. Nas palavras do jornal, a aceitação não passava de esquisitice do deputado.



Então, o periódico arrisca-se a classificar o que chama de primeiro engano da polícia, que teria acreditado no fato de Dexheimer nutrir ciúmes pela ex-mulher e, porventura, estar conduzindo o carro misterioso que Daudt acusava notar que o seguia, invariavelmente. Os investigadores ainda seriam surpreendidos pelo fato de que, conforme Dexheimer, à hora do crime, ele estaria em companhia do casal Arcoverde.

Não fica claro que, para afirmar que Vera Mincarone e o ex-chefe de gabinete de Daudt, José Antônio Azevedo, acreditavam na culpabilidade de Dexheimer, o jornal tivesse conversado com tais fontes. Essas interpretações dão margem para uma série de suposições, tidas como verdadeiras:

No momento em que teve conhecimento de que o carro do assassino era um Monza, José Antônio Azevedo passou a crer que o matador de Daudt era o deputado Antônio Dexheimer. A suspeita ainda se tornou maior, quando a própria ex-esposa do deputado levou uma arma, calibre doze, para a polícia. Também ela acreditava que seu ex-marido era o assassino. Essa convicção se tornou tão forte entre os amigos e assessores mais chegados de Daudt, que influiu decisivamente nas investigações policiais. Ainda na segunda-feira, se acreditava, na polícia, que a confissão do deputado Antônio Dexheimer era uma questão de horas. Para alguns policiais veteranos, esse engano foi tão grande que influiu até na preparação do famoso ‘retrato falado’, que, tirando a barba e o boné, se parece mesmo com o deputado.

Na sequência, são referidos os perigos de algumas intervenções políticas no caso e uma suposta falta de interesse da polícia para com Vera Mincarone, considerada como forte suspeita, pelo jornal que, no entanto, atribui esta opinião a supostos amigos de Daudt. Ela é irmã do então deputado federal peemedebista Paulo Mincarone.

O texto acrescenta que os investigadores já haviam descartado possibilidades como latrocínio ou crime político. Denuncia, também, que a máquina do governo do PMDB, então chefiado por Pedro Simon, estaria protegendo de qualquer investigação os familiares de Dexheimer. “Os amigos de Daudt temem que esse envolvimento político termine criando um novo Caso Kliemann, que tornou o crime oficialmente insolúvel, e proteja o verdadeiro criminoso”, prognostica a matéria.

— Nível de *sensacionalização* da matéria:

a) *Estrutura*: a própria abertura da análise da presente matéria evidencia questões atinentes à estrutura. Além disso, cabe frisar que o trabalho da polícia e a personalidade de Daudt são depreciados. Ao invés de ser apresentado como matéria jornalística, o enredo deveria constar de coluna

opinativa e, quem sabe, assinada por Sérgio Jockymann — *distorção, imprecisão e pejorativo* são contemplados;

b) *Características*: há exagero nos apontamentos sobre o desenrolar das investigações. Os relatos são sensacionais e geram, ainda mais, perturbação às possíveis causas contidas no crime, até então, insolúvel, situação esta que se confirmaria no decorrer dos anos — *sensacional, sensacionalismo e sensacionalista* estão contemplados;

c) *Temática*: o comportamento controvertido que o jornal atribui a Daudt, caracterizado, sobretudo, nas questões de ele ser homossexual e sofrer contínuos assédios femininos e de ter reconhecido, como filho, um rapaz que não o era, legitimamente, assume condicionantes para catalisar o nível escandaloso do chamado Caso Daudt. Esse perfil controverso explicita tabus: aceitar como filho alguém que não o é, até porque não existe menção a eventual adoção; e manter encontros sociais com mulheres, mesmo sendo homossexual e resistente a assédios femininos. Além disso, se, conforme afirma o texto, ele se mostrava preocupado com boatos acerca do seu comportamento sexual, a própria homossexualidade de Daudt caracterizaria outro tabu — *crime, escândalo, morte e tabu* são as temáticas;

d) *Elementos*: os estereótipos, empregados para caracterizar Daudt, não deixam de promover descrédito, no que diz respeito à sua reputação. As suposições, com pouco embasamento, alcançam o nível do exagero. Também não pode passar despercebida a tentativa de incriminar Vera Mincarone, a tal forte suspeita. A descrição do momento em que Daudt agoniza é sensacional e trágica, ao extremo. “Olha, amigão, o que fizeram comigo” — esta teria sido a última frase do ex-parlamentar, em vida. Não há como não se emocionar diante de tal declaração. Mesmo baleado, o deputado é afável, ao chamar de “amigão” o policial militar que o acompanhava, no táxi. O perfil comportamental de Daudt e as considerações sobre o trabalho da polícia, no caso, revelam preconceito. Quanto aos estereótipos: personagem controverso, mistério do ano, polícia equivocada — estão contemplados: *calúnia, emoção, estereótipo, exagero, preconceito, sensação e trágico*.



Considerações finais

O presente estudo deixa a nítida impressão de que não se pode falar no jornalismo sensacionalista deste ou daquele jornal analisado. Mas, com efeito, em níveis de *sensacionalização*. Entende-se que o processo analítico da matéria consistiu em uma reinterpretação de fenômenos específicos, em relação a eles mesmos. Entre os verbetes propostos, a exceção coube ao *sádico*, este que não foi observado, pelo menos, sob a ótica de interpretação deste analista.

Quanto ao referido quadro, houve significativo esforço no intuito de sistematizar uma forma didática e prática de aplicação das estratégias metodológicas. Para verificar as categorias discursivas, inseridas nas narrativas dos relatos jornalísticos, como orienta Patrick Charaudeau (2006), foi necessário apurar, de antemão, o caráter semântico de cada verbeito escolhido como instrumento codificador de gênero.

Ressalte-se que tal escolha não foi arbitrária. Ela se baseou em oito autores que se dedicaram a problematizar a temática do sensacionalismo na imprensa. É evidente que um verbeito não poderia ser elencado à deriva. Precisaria, com efeito, ter alguma relação com o jornalismo, a fim de trazer perspectivas de utilidade de análise.

Quanto ao jornal *RS*, ele seguiu um viés deturpado de encarar a prática jornalística, pela proposta do seu editor, o jornalista Sérgio Jockymann, de priorizar as suas conclusões acerca do Caso Daudt, em vez daquelas baseadas em fontes.

Portanto, não resta dúvida de que as sensações são a natureza do jornalismo, algo que se enquadra na linha defendida por Alberto Dines. Ao invés de *sensacionalizarem* a informação, espera-se que os jornais a utilizem a serviço da sociedade, mais próximo de um jornalismo comprometido com a cidadania.

Referências

- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995.
- AUGRAS, Monique. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: Omnia, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.



- COIMBRA, David. **Dexheimer: 800 noites de junho**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.
- DICIONÁRIO ONLINE. **Michaelis Melhoramentos**, s/d. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 6 fev. 2011.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Brasília: Ortiz, 1989.
- GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **Public opinion**. Nova Iorque: MacMillan, 1922.
- MAFFESOLI, Michel. **Une forme d'agrégation tribale**. Paris: Autrement, 1988.
- MANDEL, Ernest. **Delícias do crime**. São Paulo: Busca Vida, 1988.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1986.
- MATHEUS, Leticia Cantarela. "Sensacionalismo". In: INTERCOM, **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, ps. 1.099-1.100.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.
- PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- RAUSCH, Fábio Antônio Flores. **O jornalismo sensacionalista na imprensa sul-riograndense: Uma proposta de codificação de gênero**. Porto Alegre: Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, 2011. Dissertação de mestrado. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3368.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005, v.1.
- _____. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005a, v.2.
- WAINBERG, Jacques A. "Prefácio". In: LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.